



## ***Ecologia política feminista e agroecologia: tecendo as redes da Teia dos Povos da Bahia***

*Feminist political ecology and agroecology: weaving the networks of the Teia dos Povos of Bahia*

MARQUES, Priscila<sup>1</sup>

<sup>1</sup>AUÊ! UFMG priscila.seoldo@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo construir reflexões sobre a construção da agroecologia e do feminismo comunitário na articulação Teia dos Povos da Bahia. Criada em 2012, a articulação utiliza a agroecologia como ferramenta de resistência aos modelos agrícolas e extrativistas impostos hegemonicamente, valorizando o papel das mulheres como propulsoras de cooperação e solidariedade nos territórios desde uma perspectiva Latino- americana do feminismo comunitário. A partir dos estudos da Ecologia Política Latino-americana e feminista e do trabalho de campo em territórios da Teia dos Povos, foi possível entrelaçar teoria e prática, pactuando as práticas agroecológicas como ferramenta e tecnologia social alternativa à degradação ambiental, e, em conjunto, compreendendo que a atuação das mulheres é fundamental para a manutenção da vida de seus territórios e de construção da agroecologia.

**Palavras-chave:** articulação dos povos; territórios; feminismo comunitário; práticas agroecológicas.

#### **Introdução**

Ao tratarmos de uma perspectiva histórica do Brasil, sabe-se que a sociedade brasileira é formada por uma influente classe fundiária, com concentração de terras da herança colonial-escravocrata, que culminou em grande assimetria de poder. A Revolução Verde no Brasil é um exemplo da legitimação de expropriação que o neoliberalismo produz, imputando uma lógica predatória a partir da monocultura, do uso de agrotóxicos e sementes transgênicas (SAUER; BALESTRO, 2013). Como afirma Ferreira e Felício (2021), esse sistema atua na terra desde de princípios corporativos, e, como consequência, degradam o solo, derrubam florestas, expropriam indígenas e povos tradicionais de seus territórios, provocando impactos ambientais tão caros para o planeta. Dentro do projeto desenvolvimentista extrativista das monoculturas, perceptivelmente, existem certas ações orquestradas a fim de desvalorizar e desqualificar o modo de vida tradicional local, sobretudo a partir do viés étnico racial e de gênero, um processo que perdura desde tempos coloniais na América (ALIMONDA, 2017; LANDER, 2017; ESCOBAR, 2017). Desta maneira, é importante destacar que a questão territorial



está no cerne de todo o debate político em relação aos conflitos de terra. Tendo em vista tais questões ocasionadas pelo modelo neoliberal desenvolvimentista, a agroecologia se apresenta como caminho alternativo para novas narrativas e práticas contra-hegemônicas.

Sobre a agroecologia é possível afirmar que há um processo de descolonização de saberes e práticas. Como prática social, o movimento agroecológico luta contra um sistema pautado na visão colonialista, extrativista, patriarcal e capitalista, um modelo que destrói a biodiversidade local (ALTIERI, 2004). Essa prática é apresentada como heterogênea, com múltiplas expressões e significações, cuja proposta perpassa pela diversidade, biodiversidade e trocas de conhecimentos. É importante, assim, explicitar os estudos e análises da Ecologia Política Feminista ao que concerne conflitos ambientais, dinâmicas políticas e lutas socioambientais de populações invisibilizadas ao longo do processo histórico colonial e como as mulheres se destacam enquanto promotoras da justiça socioambiental através da dimensão política e do cuidado (SVAMPA, 2015). O presente trabalho tem a intenção de conectar os estudos da Ecologia Política Latino-americana e Feminista com as práticas agroecológicas as quais englobam a bandeira de luta feminista, trazendo como exemplo a articulação de movimentos sociais chamada Teia dos Povos, particularmente do estado da Bahia.

## **Metodologia**

A pesquisa realizada contou com revisões bibliográficas a partir de autores e autoras da Ecologia Política e Feminista. A etnográfica foi o principal aporte metodológico para compreensão das ações e narrativas da articulação da Teia dos Povos. A Teia dos Povos é uma articulação constituída por movimentos sociais, quilombolas, indígenas, povos tradicionais, trabalhadores do campo e da cidade, povos de terreiro, estudantes e educadores, todos estes construindo propostas práticas de incidência e reivindicação da Terra e do Território. Sendo assim, as reflexões aqui pontuadas sobre estudos da Ecologia Política Feminista, agroecologia e feminismo comunitário partem das vivências cotidianas observadas durante o trabalho etnográfico.

## **Resultados e Discussão**

No campo da Ecologia Política compreende-se por natureza todas as interações sociais, pensamentos, e formas de estruturá-la culturalmente. O pensamento cartesiano e antropocêntrico que separa a noção de cultura e de natureza é forjado de maneira falaciosa, sendo assim, ecologistas políticos como Zhouri & Laschefski (2019) e Leff (2013) afirmam que tais preceitos não estariam apartados, já que nem a natureza nem a cultura são estáticos no tempo e espaço. Leff (2013) afirma que as concepções da ecologia política são apoiadas por uma política da diferença e uma ética da alteridade, na América Latina tais estudos são direcionados a serem contextualizados social e historicamente, contemplando a diversidade ecológica dos



povos, suas estratégias de autonomia e reinvenções dos territórios. Imputar a responsabilidade de maneira genérica de que o ser humano destrói a natureza exime de responsabilidade quem efetivamente o faz. A degradação é provocada por uma parcela pequena, que se beneficia da exploração e causa problemas ambientais. Existem especificidades interseccionais que atravessam as concepções de classe, gênero, raça e etnia, ou seja, o ônus sobre a degradação ambiental não é vivido de maneira igualitária. Na América Latina, Gabriela Merlinsky (2017) aponta que a justiça ambiental está subordinada a disputa dos supostos benefícios dos modelos desenvolvimentista de grandes corporações e multinacionais que colocam em risco as vidas e a saúde de indígenas, camponeses, etc.

Sendo assim, os grupos de populações tradicionais, campesinas, indígenas, integrantes da Teia dos Povos da Bahia buscam em seus territórios a sustentação de suas identidades, historicidade local, tradicional e autonomia em seus modos de existir. Na contramão das metanarrativas hegemônicas e dominantes, a articulação mobiliza-se a fim de situar os conhecimentos e as experiências vividas. São essas pessoas que colocam seus corpos em movimento a fim de pensar, a partir de outras epistemologias e cosmovisões, o trabalho interdependente com a natureza, utilizando da agroecologia para alcançar esse objetivo. Em seu cerne há a concepção de união dos povos, a partir da alteridade, em prol de uma vida justa e digna das populações do campo e da cidade. Alguns valores importantes para essa articulação são: autonomia e as soberanias; a política de cuidado com os nossos; a rede e a frente de mulheres; a construção da aliança; a ancestralidade; a luta contra o imperialismo” (FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 50).

A Rede e a frente de mulheres da Teia abrem novos debates sobre a interseccionalidade na construção e relação com a natureza, a construção social de gênero mediada em e por meio de materialidades ecológicas, evidenciando outros conhecimentos diferentes do hegemônico-capitalista-androcêntrico que partem da premissa decolonial e do reconhecimento de lugares de privilégio (ARRIAGADA OYARZÚN; ZAMBRA ÁLVAREZ, 2019). Ulloa (2020) explica que esta perspectiva surge a fim de desconstruir a relação de natureza e cultura até então pautadas na exploração de recursos naturais, e que iniciam as discussões sobre as desigualdades de gênero diante da produção de conhecimento, práticas sociais, políticas e ambientais direcionando estudos que atingem principalmente as mulheres. A mesma autora pontua também que o patriarcado afeta a vida das mulheres e da própria natureza, inclusive ao que diz respeito ao seu papel de cuidadora, de defensora de seus territórios e da natureza. A dimensão do cuidado nos conduz ao que autoras como Ulloa (2020), Bolados (2018), Oyarzún & Álvarez (2019) e indígenas como Julieta Paredes tratam de feminismo comunitário e territorial. As feministas comunitárias visam debater e gerar ações que conectem o território, terra, corpos, saúde, e representações, todos pautados na visão de interdependência com a natureza, e essa cultura do cuidado permite que a sustentabilidade incorpore valores como reciprocidade, cooperação e complementariedade (SVAMPA, 2015). Criticando os aparatos extrativistas e



desenvolvimentistas que afetam suas vidas, as mulheres feministas comunitárias se fazem como exemplo de insubordinação diante das opressões, atuando em defesa da vida em seus territórios, das relações entre humanos e não humanos, tudo isso pautada em práticas cotidianas focadas em promover a autonomia alimentar e preservar seus modos de vida culturais (ULLOA, 2016).

Partindo desse entendimento, a Teia dos Povos poderia ser incorporada enquanto exemplo prático sobre a defesa dos direitos das mulheres e modos de existência, destaca-se pelos discursos e práticas de resistência de seus territórios, lutando pelo direito de acessar e decidir sobre como agir dentro de seus territórios. São discutidos os papéis das mulheres, trabalhos fundamentais tanto no trabalho do campo quanto no trabalho doméstico, a existência de desafios para o reconhecimento da sua importância na produção agrícola. Algumas críticas perpassam a divisão sexual do trabalho, o domínio masculino sobre a chefia familiar e a unidade produtiva.

Emma Siliprandi (2009), afirma que a agroecologia, enquanto teoria e prática, deve-se ocupar de construir espaços de conscientização sobre a problemática da subordinação das mulheres agricultoras, explicitando que para seguir de maneira coerente um modelo que propõe a autonomia, é necessário que a equidade de gênero seja pauta permanente. Siliprandi ainda pontua que na agricultura familiar elas realizam um conjunto de atividades como preparo do solo, plantio, colheitas, processamento de alimentos, artesanatos com matérias primas disponíveis e ainda, sobrecarregadas, ocupam o papel de cuidadoras do lar e dos familiares. Além da igualdade na divisão sexual do trabalho as mulheres também reivindicam por todas as violências sofridas ao longo da história, seja ela física, psicológica, opressão, a fim de construir outras bases de relações sociais. Ainda, Bolados (2018) faz uma análise pertinente ao protagonismo das mulheres diante da exploração e precarização da vida ecológica e social, tratando de situar que são elas as pessoas responsáveis pelo cuidado dos que são afetados pelo sistema econômico e político, um trabalho não remunerado, desvalorizado, porém de grande importância e que transformou modos de relação e produção desse mesmo sistema pautado no acúmulo de capital através dos recursos naturais.

O feminismo comunitário da Teia é pautado no saber localizado, territorial e político. As mulheres têm liderado processos políticos, pedagógicos e agroecológicos. Como guardiãs e reprodutoras das sementes crioulas, são elas, em sua maioria, que selecionam as melhores sementes, multiplicam, cuidam da manutenção das variedades presentes nos territórios. À título de exemplo de algumas dessas guardiãs das sementes crioulas são de lala Queiroz colaboradora com os bancos de sementes do Município de Maracás no Território Vale do Jiquiriçá e eco-fundadora da Casa Girassol, espaço de comercialização da agricultura familiar e agroecológica. Vê-se também que, de maneira simbólica, o ato de guardar as sementes compõe também a própria manutenção da vida dos povos. Merlinsky (2017) fala das disputas pela preservação da biodiversidade e conhecimento sobre sementes, é concebido não apenas como elemento biofísico, mas também como



um lugar onde a cultura e a história são armazenadas. O que faz menção a noção de território, a conexão com a terra, a memória, o alimento, o corpo, a vida. São as lideranças mulheres aquelas que, usualmente, denunciam as injustiças ambientais de seus povos. As mulheres pesqueiras, por exemplo, denunciam as condições de trabalho em ambientes poluídos por empreendimentos a serviço do capital, e se colocam em risco quando desafiam os interesses privados e estatais. A cultura do cuidado também é evidenciada por práticas cotidianas presentes nos territórios da Teia, como o Assentamento Terra Vista, por exemplo. São os cosméticos naturais do grupo de mulheres Arte da Terra, a benzedura da dona Clemilda, dona Tereza como guardiã e multiplicadora de sementes, as mulheres que cuidam do dia a dia das crianças do assentamento, o cuidado e manutenção tanto dos quintais produtivos quanto das roças de *cacau cabruca*, espaços de trocas e apoio desde a sororidade.

Nas construções da Teia, na rede de mulheres que se apresenta cada vez mais presente, há construção de caminhar conjunto das lutas, ou o que Oyarzún e Álvarez (2019, apud SUNDBERG, Juanita, 2014) chamam de “caminhar com” em que essas mesmas lutas, estratégias de resistências e transformações são modelos para todas, contribuindo para construções coletivas de novos conhecimentos e caminhos para autonomia. Nessa perspectiva de “caminhar com” a articulação deu início a uma Rede de Mulheres da Teia justamente para fomentar a maior participação feminina como as guardiãs de sementes e lideranças femininas nos territórios. A intenção é tratar sobre os desafios cotidianos vivenciados com a família, companheiros, as divisões de tarefas, feminicídio, violência de gênero, trabalho e renda, em busca de coerência quanto as propostas da Teia. Uma das propostas atuais também é a construção de uma gestão coletiva do dinheiro de doação, o “Fundo Soberano”, cuja gestão é feita exclusivamente por lideranças femininas dos respectivos territórios envolvidos e cabe a elas decidirem como os recursos serão utilizados. Ferreira e Felício (2021, p.125) afirmam que “partimos da consciência de que as mulheres têm avançado muito no que se refere à visão de futuro e na previsão sobre as necessidades do povo”.

## Conclusões

Através da Ecologia Política Feminista Latino-americana foi possível analisar criticamente sobre as relações assimétricas da questão territorial, constatando que tudo está interligado: o pensamento hegemônico, o agronegócio, a monocultura, o extrativismo, o patriarcado percorrem um caminho da morte, exclusão e da supressão da diversidade. Na contramão, a agroecologia e o feminismo comunitário possibilitam a expressão de vozes locais, as quais não estão inseridas na lógica mercantil. Porém é preciso reconhecer que ainda há um longo caminho a percorrer até que esses direitos sejam efetivamente alcançados.

A Teia dos Povos pode ser considerada como um exemplo de articulação que possibilita reflexão e ação nos territórios envolvidos, para que os povos possam pensar suas realidades e consigam incidir sobre elas. A Rede de mulheres da Teia



se mostra como um tipo de feminismo autônomo, comunitário e decolonial, subvertendo a lógica capitalista contra os deslocamentos compulsórios. São essas mulheres que colocam seus corpos na luta diária, que enfrentam poluições de seus espaços de pesca, contatos indiretos com agrotóxicos, mas que juntas, articuladas em uma rede conseguem subverter e denunciar impactos provocados pelo capitalismo.

### Referências bibliográficas

- ALIMONDA, Hector. **Ecología política latinoamericana y pensamiento crítico: vanguardias arraigadas**. Desenvolv. Meio Ambiente, v. 35, p. 161-168, dez. 2015.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia e a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.
- ARRIAGADA OYARZÚN, E., & ZAMBRA ÁLVAREZ, A. **Apuntes iniciales para la construcción de una Ecología Política Feminista de y desde Latinoamérica**. Polis. Revista Latinoamericana, 54, Article 54. 2019.
- BOLADOS, Paola. **Acuerpándonos frente al extractivismo minero energético**. En Mujeres en defensa de territorios. Reflexiones feministas frente al extractivismo (pp.8-19). Fundación Heinrich Böll, Oficina Regional Cono Sur. 2018.
- ESCOBAR, Arturo. **Desde abajo, por la izquierda, y con la tierra: la diferencia de Abya Yala/ Afro/ Latino/ América**. In: Ecología política latinoamericana: pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémica. 1a ed, Buenos Aires, CLACSO, 2017.
- FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por Terra e Território: Caminhos da revolução dos povos no Brasil**. Teia dos Povos, 2021.
- LANDER, Edgardo. **Neo-extractivismo: Debates y conflictos en los países con gobiernos progresistas en suramerica**. In: Ecología política latinoamericana: pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémica. 1a ed, Buenos Aires, CLACSO, 2017
- LEFF, Enrique. **Ecología Política: uma perspectiva latino-americana**. In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 27, p. 11-20, jan./jun. 2013. Editora UFPR.
- MERLINSKY, M. Gabriela. **“Los movimientos de justicia ambiental y la defensa de lo común em América Latina. Cinco tesis en elaboración”**. In: Ecología política latinoamericana: pensamiento crítico, diferencia latino-americana y rearticulación epistémica. Buenos Aires, CLACSO; México: Universidad Autónoma Metropolitana; CICCUS. 2017.
- SAUER, Sérgio; BALESTRO, Moisés Villamil (org.). **Agroecologia e os desafios da transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- SILIPRANDI, Emma. **Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural**. In: PETERSEN, P. (Org.) Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.
- SVAMPA, Maristela. **Feminismos del Sur y ecofeminismo**. *Nueva Sociedad*(256). 127-131. 2015.
- ULLOA, Astrid. **Ecología política feminista latinoamericana**. In: Feminismo socioambiental, Revitalizando el debate desde América Latina. Universidad Nacional Autónoma de México-Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias. Cuernavaca, 2020. Pp. 75-104.
- ULLOA, Astrid. **Feminismos territoriales en América Latina: defensas de la vida frente a los extractivismos**. *Revista Nómadas*. No. 45, 2016. Pp. 123-139.